

MANÉ TIBIRIÇÁ: polifonia e catolicismo popular no cururu caipira

Paulo Donizéti Siepierski*

Antes de malandro ser malandro e mané ser mané, mas já quando Bezerra da Silva tinha trocado o Recife pelos morros do Rio de Janeiro, houve um outro Mané, que de mané não tinha nada. Foi um tal de Mané Tibiriçá, criado e imortalizado num cururu, aquele gênero musical que remonta às práticas catequéticas dos jesuítas e cuja popularidade alcançou seu auge em meados do século passado na região do Médio Tiête, em São Paulo, mas que ainda hoje continua bastante prestigiado em regiões de Mato Grosso do Sul. O compositor desse cururu foi Roque José de Almeida e a dupla que primeiro o gravou foi Moreno e Moreninho. Nessa estória cantada, pois o cururu sempre é uma estória, Mané Tibiriçá passa de boneco espantalho a santo milagreiro.

A estória deste Pinóquio tropical—se bem que diferentemente do boneco criado por Gepeto, Mané Tibiriçá não se torna humano, mas divino, santo,—conquistou a imaginação de muitos e vez por outra esse boneco santo é citado na literatura ou simplesmente defenestrado como embusteiro em rodas de bar. Neste ensaio pretendo apresentar três apropriações dessa estória e então analisá-la mais detalhadamente, buscando nela vozes da religiosidade popular caipira, vozes estas que, por estarem de certa forma escondidas, precisam ser, por assim dizer, reveladas. Para tanto, lançarei mão de elementos da teoria polifônica de Bakhtin.

1. Diálogo, polifonia e música caipira

No início da Rússia soviética alguns intelectuais de diferentes áreas do conhecimento passaram a se reunir para discutir as implicações do marxismo na linguagem, na arte e na literatura. Quem mais se destacou entre eles foi o historiador, filólogo e filósofo Mikhail Mikhailóvitch Bakhtin (1895-1975), daí o grupo ter ficado conhecido como o Círculo de Bakhtin. Estudioso da prosa de seu compatriota Fiodor Dostoiévski (1821-1881), Bakhtin dedicou-se a análise de discursos de diferentes

* Ph. D. in Historical Studies, Universidade Federal Rural de Pernambuco.

gêneros—cotidianos, artísticos, filosóficos, científicos e institucionais—buscando definir noções, conceitos e categorias de análise da linguagem. Em sua reflexão, na qual o romance recebeu atenção especial enquanto objeto de estudo, Bakhtin postulou que a linguagem é um processo permanente de interação mediado pelo diálogo.¹ Em uma ponta do diálogo encontra-se o locutor e na outra o interlocutor. Ambos são sujeitos (quando o interlocutor de alguma forma responde ao locutor) que, para elaborarem seus enunciados se valem do conhecimento de enunciados anteriores. Nesse processo de interação, os enunciados são condicionados pelo contexto social, histórico, cultural e ideológico do sujeito. E isso é natural, uma vez que de outra forma o sujeito não seria compreendido; não haveria diálogo.

O diálogo, portanto, traz em sua essência a multiplicidade (no mínimo a duplicidade) de vozes. A polifonia, porém, não se confunde com essa multiplicidade. No pensamento de Bakhtin, para haver polifonia, tem que existir vozes polêmicas no diálogo. A polifonia é o confronto dessas vozes que partem de diferentes situações possíveis no contexto social, histórico, cultural e ideológico. Assim a polifonia é o espaço onde diferentes valores de uma determinada sociedade se projetam num confronto, revelando os pressupostos dos sujeitos.²

Ao passo que Bakhtin privilegiou em sua análise dos discursos o romance, seus seguidores se debruçaram sobre os variados gêneros discursivos. No Brasil, os analistas do discurso pouca atenção têm dado à análise de letras de música, e menos ainda às letras de música caipira. Afinal, elas não fazem parte do centro cultural do mundo verbo-ideológico. Não obstante, elas refletem a situação concreta de produção, no caso específico do cururu, o catolicismo popular³ e a vida rural do mundo caipira.

2. Características básicas do cururu

O cururu é típico da região do Médio Tietê, especialmente Sorocaba e Piracicaba, difundindo-se até o Mato Grosso levado pelos bandeirantes sorocabanos. No princípio era uma dança de roda que posteriormente tornou-se uma cantoria de repente, realizada de improviso, nas noites de festejo e nos pousos das incursões dos bandeirantes, as bandeiras. Seguindo o compasso dado pelo som da viola, o cururueiro improvisa seus versos rimando-os em carreiras, como a do “á”, normalmente de acordo

com a pronúncia caipira dos verbos terminados em “ar”, em que há a supressão do “r” final, como “contá” e “brincá”. Outras carreiras comuns são a do “ado”, como em “sagrado” e “quadrado”, e do “ino”, como em “menino”, “divino” e “subino” (subindo).⁴

O cururu tem origem na religiosidade popular católica, particularmente nas festas em devoção ao Divino Espírito Santo, e tem como característica central ser a narrativa de uma estória. O tema dessa estória é da competência do canturião e deve trazer algum ensinamento religioso. Espera-se do canturião amplo conhecimento das tradições do lugar, do catolicismo popular e de passagens bíblicas. No período em que o cururu era estritamente religioso, era cantado no momento do “pouso do Divino”. Com o passar do tempo o cururu ocupou espaços profanos, mas manteve a característica de ser uma estória com a finalidade de ensinar preceitos da fé popular.

A letra de *Mané Tibiriçá* que nos é dada por Roque José de Almeida e Moreno e Moreninho representa muito bem o cururu típico, trazendo todas as suas características básicas:

Há coisa de muito tempo / Prá vocês eu vou contá
Certa vez um camponês / Cortô um pau de cambará
Fez a imagem de um juda / Muito feio sem iguá
Prá espantar os passarinho / Pois o juda no arrozá
Seu filho de oito ano / Que gostava de brincá
Pois o apelido no juda / De Mané Tibiriçá
Mais um dia deu enchente / E levou o juda de lá
Foi rodando rio abaixo / Muito longe foi pará
E depois de muito tempo / Os pescadô foi encontrá
O juda numa lagoa / Na beira de um capinzá
Pensaram que era um santo / Perto daquele lugá
Construíram uma capela / E pusero o juda no altá
E a notícia do Santo / Fez o povo alvoroçá
Começou vir romaria / Na capela prá rezá
E o juda fez milagre / Fez muita gente sará
Cego viu a luz do dia / Aleijado tornou andá
E o filho do camponês / Veja só o que foi se dá
Ficou mudo de repente / Não podia mais falá
Seu pai fez uma promessa / Prometeu e foi levá

O menino na capela / Pedir pro santo curá
Chegaram lá na capela / O menino pegou caçoá
Vocês são ignorante / E ainda querem me enganá
Essa cara eu já conheço / Eu aqui vim prá contá
Esse santo não é santo / É o Mané Tibiriçá

3. Primeira apropriação: Mané, uma lição de vida

Rubens Fava, administrador de empresas, consultor e escritor, em um de seus livros utiliza o cururu cantado pela dupla Moreno e Moreninho como ferramenta pedagógica.⁵ Após se declarar caipira do Mato Grosso do Sul, Fava diz que em sua infância marcada pela pobreza a música preferida de seu pai era *Mané Tibiriçá*. Por ela trazer uma lição de vida Rubens Fava memorizou a estória. Para ele, a lição da estória é *acreditar sempre*. E esse é o desafio que os gestores encontram num ambiente marcado pela transitoriedade e velocidade que exige decisões rápidas se não quiserem perder seus clientes. Acreditar, agir, construir a autoconfiança e ter humildade para estar sempre aprendendo, eis a receita de Fava para os gestores que querem manter seus clientes. Afinal, arremata Fava (2002, p. 14), “se até o Mané Tibiriçá que é um espantalho pode, porque nós não podemos? É só acreditar”.

A versão que ele consegue lembrar para narrar a seus alunos é a seguinte:

Conta que um agricultor muito pobre vivia no interior, próximo a um riacho, onde tinha sua rocinha de milho. Todos os dias os passarinhos atacavam sua plantação. Para afugentá-los, ele fez um espantalho. Este pobre agricultor tinha um filho, um menininho de oito anos, que não tendo com quem brincar, começou a brincar com o espantalho e passou a chamá-lo de Mané Tibiriçá. Todos os dias o menininho ia ao milharal brincar com seu amiguinho Mané. Certo dia deu uma chuva forte, provocando uma enchente. E a enchente, para desespero do menino, levou o Mané embora. O menininho ficou tão triste que perdeu totalmente a voz. O pobre agricultor fez de tudo para curá-lo. Com sua carroça foi à cidade, levou-o a vários médicos e nada do garoto recuperar a voz. Muitos quilômetros rio abaixo, um velho pescador fisgou o Mané e, na sua pureza, pensou que era um santo. Construiu uma igrejinha e colocou o Mané no altar. Todos os dias o povo ia rezar, e o Mané, como se diz no interior, danou a fazer milagres, ficando famoso em toda a região. O agricultor, não sabendo mais o que fazer para ajudar seu filho a recuperar a voz, ouviu a história de um santo milagreiro a um dia de carroça de sua casa. Não teve dúvida, um dia bem cedo, pegou o menino e partiram esperançosos para a igrejinha. Ao chegarem lá, o menino e seu pai entraram na igrejinha, que estava cheia de gente,

o menininho timidamente foi caminhando em direção ao altar acompanhado de seu velho pai. Quando avistou o santo, não se conteve, virou-se para a platéia todo sorridente e, apontando para o santo, gritou: 'Vocês pensam que me enganam, este santo não é santo, este santo é o Mané Tibiriçá'. Mais um milagre do Mané (FAVA, 2002, p. 14).

A rememoração de Rubens Fava é relativamente fiel e, como toda rememoração, nos seduz tanto pelo que conserva quanto pelo que apaga e, sobretudo, pelo que adiciona. Rubens Fava se esquece da feiúra sem igual do judas e o torna companheiro de brincadeira do menino que gostava de brincar botando apelido nos outros. Para Fava a amizade entre os dois era tão grande, como grande era a solidão do menino, a ponto deste ir todos os dias brincar com o espantalho. Fava não deixa de sublinhar a idade do menino ou menininho, como dele se lembra carinhosamente: oito anos. Talvez fosse essa a idade do próprio Fava, quando seu pai entoava esse cururu. Daí a identificação de Fava com o drama do menino, menino que em sua imaginação não tinha com quem brincar. O drama do menino, desesperado com o sucedido com seu amiguinho, ocupa lugar central na lembrança de Fava, que sublinha o final feliz, com o menino “todo sorridente”.

O camponês pai do menino de oito anos é tornado, no relato de Fava, muito pobre e velho, mas isso não o impediu de levar o menino mudo a vários médicos, que não estavam presentes na composição original. Desalentado com a medicina, o camponês não duvida do poder de cura do santo milagreiro e cheio de esperança leva o menino até a capela. A adição mais sintomática que Fava faz, porém, reside na conclusão de sua estória. No cururu original a estória termina com a denúncia do menino. Na versão de Fava, no entanto, aparece uma conclusão com acento educativo. A recuperação da voz pelo menino foi, apesar dele não entender assim, milagre, mais um, de Mané Tibiriçá. A lição de vida, então, teria sido dada pelo pai do menino que acreditou na notícia do santo milagreiro e esperançoso levou o menino até a igreja. A lição, para Fava, é acreditar sempre.

4. Segunda apropriação: embuste e angústia

Se para Rubens Fava a virtude da estória de Mané Tibiriçá é encorajar as pessoas a sempre persistirem, não obstante as dificuldades, para outros o judas que virou santo milagreiro não passa de um embuste. Essa é a percepção de uma blogueira

do Tocantins que postou uma versão da estória. A blogueira não menciona de onde tirou sua versão, nem se refere à música de Moreno e Moreninho, mas apesar das modificações, as semelhanças são tantas que é inegável sua origem naquele cururu. Por outro lado, muito provavelmente a blogueira recebeu sua versão sem conhecimento de tratar-se de um cururu famoso. Sua intenção, assim como a de Fava, também parece ser extrair uma lição, só que em direção diametralmente oposta à dele.

Nunca se confirmou. Mas, ainda tem aqueles que acreditam no tal santo, Mané Tibiriçá. Conta-se que naquele ano, a plantação de milho foi à melhor na roça do Senhor Manoel Rodrigues, as espigas cresciam viçosas, sinal que Dona Joana, ia poder preparar pamonhas gostosas, curau e bolinhos. Depois de seco, o milho deveria render um bom dinheiro no mercado da cidade e as tuias ainda iam ficar cheias.

Com o que o Senhor Manoel não contava era com a invasão de macacos, de uma hora para a outra, tomaram toda a plantação. O que fazer? Tradição de sua terra natal, Goiás, todo ano na quaresma, noite do sábado de aleluia, era feito um boneco de pano, batizado por “Judas” – o traidor de Jesus. Em grande festa, com direito a frango caipira, ele era queimado. Não deu outra, o Senhor Manoel que já havia preparado o seu “Judas” para a semana santa, resolveu levá-lo para a plantação.

E lá, colocou o espantalho num poste bem alto, em local estratégico. Deu resultado, os macacos se assustaram com o boneco gigante de braços abertos e adentraram na mata aos bandos. Os dias se passaram e uma chuva inesperada levou o “Judas” pelas enxurradas.

Aconteceu um milagre! Foi às palavras de dona Maria que chegava de uma Romaria, o senhor Manoel ficou interessado e escutou atentamente “O santo que foi encontrado as margens do rio, curou minha perna, estou andando normalmente compadre!” “Não acredito em santo”, pensou Manoel, mas vou lá para ver que santo bom é esse.

Ao chegar às margens do rio percebeu que até uma capela tinha sido erguida em homenagem ao tal santo. Foi se aproximando e quando viu de perto, suas pernas começaram a tremer, então, pensou: “vou contar a verdade? Destruir o sonho dessa gente toda, desses humildes colonos? Seus olhos não podiam crer no que viam, ali, no altar, estava de braços abertos, com camisa listrada, o espantalho que naquele dia na plantação de milho, havia colocado o nome de Mané Tibiriçá.”⁶

Se por um lado a estória original é enriquecida com vários detalhes, como o nome do lavrador e as listras na camisa de Mané Tibiriçá, por outro salta aos olhos o sumiço do menino e seu drama, que foi central para Rubens Fava. Talvez mais contundente ainda seja a transformação do lavrador de pessoa piedosa em alguém que

não acredita em santo. De fato, parece residir aí a intencionalidade dessa versão da estória de Mané Tibiriçá.

Esse diferente formato começa por negar os milagres de Mané Tibiriçá. Talvez por isso, ao contrário de Fava, o autor ou autora dessa versão faz questão de sublinhar a origem não muito nobre do Mané. Ele nascera como Judas, o traidor de Jesus, e destinado a ser malhado e queimado no sábado de Aleluia. Fora apenas graças aos macacos que tivera sua sorte mudada, escapando da fogueira e sendo levado pela enxurrada. Já o Senhor Manoel Rodrigues, cujo milho renderia um bom dinheiro, pouco lembra o velho pobre lavrador, piedoso e esperançoso, da infância de Fava.

O Senhor Manoel Rodrigues é diferente dos humildes colonos que veneravam o espantalho feito santo. Ao passo que o velho lavrador não reconhecera no santo o judas tornado espantalho, o Senhor Manoel Rodrigues sabe da verdadeira identidade do santo, inclusive dispondo de uma prova irrefutável, a camisa listrada de Mané Tibiriçá. O conhecimento da verdade, porém, é fonte de dilema angustiante. Contar a verdade ou não contar, eis a questão. Angústia típica dos detentores da ortodoxia, seguidores da religião institucionalizada.

5. Terceira apropriação: irreverência e sorte

Ao passo que a primeira apropriação tem como base territorial o sul do antigo estado do Mato Grosso e a segunda o estado de Goiás antes da divisão do Tocantins, esta terceira ocorre em Minas Gerais. A estória de Mané Tibiriçá tem, portanto, ampla base territorial. A característica principal da apropriação mineira é a irreverência; o espantalho vira Zé Mané Tibiriçá. O cururu é transformado num conto ou caso, pelo escritor mineiro Luiz Gonzaga Ferreira Limagolf, e enriquecido com detalhes característicos dessa modalidade.

Em um arraial do Leste de Minas morava um pequeno fazendeiro, e, este tinha um filho mudo. Ele quando ia para o roçado levava o garoto de sete anos para ajudá-lo, ao mesmo tempo em que ia tentando ensinar o guri a arte e a prática da agricultura. O garoto era esperto e prestava a atenção em tudo, só não falava mesmo.

Numa bela quarta-feira de abril o fazendeiro e o menino construíram um espantalho para colocá-lo no arrozal... O homem pôs o nome no espantalho de Zé Mané Tibiriçá de tão feio, desengonçado e esquisito que ele era, tendo inclusive as pernas tortas e os olhos esbugalhados

feitos de caroços de manga ouro. Ele disse ao garoto: o nome deste espantalho é Zé Mané Tibiriçá, guarde este nome e sempre que vir aqui no arrozal bata na bunda dele para dar sorte. O menino abanou a cabeça, dando seu entendimento e compreensão do que seu pai falara.

No mês de novembro do ano de 1952 começou a chover forte na região e adjacências.

Com a chuva daquele ano, no arraial de Jampruca, Vale do Rio Doce, (capital mineira da lingüiça) começou a dar uma tempestade, com trovoadas e raios, e, a tempestade aumentara consideravelmente, arrasando o povoado e muitas terras da região. E, ela atingiu a fazenda do Bessinha, levando o espantalho Mané Tibiriçá rio abaixo, e, este fora parar na pequena cidade de Campanário, exatamente na praça à porta da igreja matriz.

Existia um convento de freiras naquela cidadezinha, e, as beatas vendo aquela grotesca e tosca figura à porta da igreja o tomara por um sinal de Deus e o levava para dentro da igreja deixando-o num canto do altar-mor.

No domingo os fiéis, como o de costume, foram para a missa rezada pelo padre João ajudado pelas beatas e pelo sacristão Zé Bento. Ao término da missa alguns fiéis vendo o espantalho se aproximaram dele e começaram a rezar e até colocaram esmolas ao seu pé, tomando-o por um novo santo. As beatas assistiram as cenas e cochicharam entre si.

A notícia do novo `santo´ espalhou-se pela cidade e pela região, tendo algumas pessoas afirmado que recebera bênção e milagre daquele maravilhoso enviado de Deus. E a novidade correu de boca-em-boca, chegando aos ouvidos do fazendeiro Bessinha que espalhou os acontecidos pelo arraial, comunicando à sua mulher que pretendia levar o filho mudo para ver o santo milagreiro de Campanário.

Num domingo de setembro de 1953 lá se foi o fazendeiro e o garoto para visitar o `santo´. Em chegando à praça ele subiu as escadarias rezando e contrito, pondo fé no santo. Ele e o garoto sentaram-se na última fileira de bancos da matriz, assistindo a missa do padre João e rezando para que ocorresse um milagre. Terminado a missa, os dois visitantes foram até o altar-mor, e, aconteceu o inacreditável: o garoto vendo o falado `santo´, aproximou-se do espantalho, bateu-lhe na poupança e disse: este `santo´ não é `santo´... É o Zé Mané Tibiriçá...

Milagre. - Dissera alto o fazendeiro.

Mi-i-la-a-gre. - Gritaram alto as beatas!

E quem disse que o fazendeiro trouxera o espantalho para a fazenda. As beatas não deixaram o `santo´ sair do altar-mor, e, ainda acenderam velas para o espírito do espantalho que acabara de fazer mais um milagre: o menino estava curado da mudez.

E acabou o caso que, entrou na boca do porco e, saiu no bico do pinto, quem souber de caso melhor, me conte cinco ao quinto.⁷

Declaradamente inspirado no cururu de Moreno e Moreninho, o conto guarda os aspectos básicos daquele, mas inova com tintas irreverentes. Neste conto o menino já era mudo e quem põe o nome do espantalho, acrescido de Zé, é o pai do menino. Longe

de ser companheiro de brincadeiras do menino, Zé Mané Tibiriçá lhe traria sorte, desde que o menino se lembrasse de lhe dar um tapinha na bunda.

A enxurrada desta vez leva o espantalho para a igreja matriz, já existente, e não para a capela a ser construída. Também, os pescadores dão lugar às freiras e beatas. Estas enxergam o espantalho como um sinal de Deus enquanto os fiéis o reconhecem como um novo santo, um santo milagreiro. Neste conto o camponês é um pequeno fazendeiro, de nome Bessinha. Sendo religioso contrito, Bessinha leva o menino, agora com oito anos, para a missa em busca do milagre que, de fato, ocorre quando o menino dá um tapa na bunda do espantalho, para ter sorte, conforme seu pai lhe ensinara lá no arrozal. O milagre ratifica a condição de Zé Mané Tibiriçá como santo milagreiro. Assim, o conto mantém o cerne do cururu, dando-lhe uma redação com toques irreverentes.

6. Mané Tibiriçá: o que há por trás desse nome?

As três apropriações citadas se situam fora do estado de São Paulo, local de origem da estória do espantalho, que quase certamente surgiu no Médio Tietê, mais especificamente na região de Sorocaba, onde também se tornou tema do cururu. O mercado municipal de Sorocaba era, na década de 1940, ponto de encontro dos cururueiros que gravitavam ao redor da banca de ervas medicinais de José de Franco Camargo, o Zé Franco. Nessa época o compositor Roque José de Almeida era apresentador de cururu nas rádios e um de seus patrocinadores era o Zé Franco, quem, após o final dos programas recebia os cantadores em sua banca no mercado. Era ali que ele e Roque José de Almeida planejavam não apenas os programas radiofônicos como também as apresentações em shows dos artistas e afinavam novas composições. Foi ali que nasceu Mané Tibiriçá, criação de Roque José de Almeida, popularizada por Moreno e Moreninho.

Pedro Cioffi (1925-1995), o Moreno, e seu irmão João Cioffi (1927-2008) o Moreninho, ambos naturais de Machado (MG), trilharam o mesmo caminho que as duplas sertanejas de então ou seja, partiram para São Paulo, apresentando-se não apenas na capital como também nas grandes cidades do interior. Foi assim que os irmãos Cioffi conheceram o compositor e radialista Roque José de Almeida. Reconhecendo na dupla

qualidades para o cururu, ele os apoiou compartilhando composições e patrocinando shows e apresentações nos programas de rádio. A dupla Moreno e Moreninho foi responsável pela primeira apresentação de música folclórica no Teatro Municipal de São Paulo, tradicional reduto erudito, em 1954, com o espetáculo “Folia de Reis”. Se a paternidade do cururu pode ser atribuída pelo menos parcialmente a Roque José de Almeida, o mesmo não se pode dizer do nome atribuído ao espantalho, Mané Tibiriçá. A possibilidade desse nome ter sido retirado do repertório popular é grande. Não obstante, a riqueza de seu significado merece uma incursão.

Mané é o diminutivo de Manuel. Este, por sua vez, é a forma sincopada de Emanuel, sendo prenome bastante comum em Portugal e nas áreas colonizadas pelos portugueses. Emanuel é um nome próprio hebraico, cujo significado em português é “Deus conosco”. Na história religiosa dos hebreus Emanuel é um nome profético utilizado como referência à vinda do Messias. O nome foi apropriado pelos cristãos e associado a Jesus Cristo. O texto bíblico no qual os cristãos se embasaram foi Isaías 7:14 (cf. Mateus 1:20-25): “Portanto o mesmo Senhor vos dará um sinal: Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho, e chamará o seu nome Emanuel”. Ciente disso, o contista mineiro diz que as beatas recolheram o espantalho como um sinal de Deus e o povo o recebeu como maravilhoso enviado de Deus. De fato, na canção o apelido do espantalho é prenhe de significado. Como foi visto, o gênero cururu tinha como finalidade ensinar preceitos da fé popular. O nome dado ao espantalho não é sem propósito. Mané é um enviado de Deus para realizar milagres, fazer muita gente sarar, dar vista aos cegos e curar os aleijados. É Deus conosco, Deus no meio de seu povo.

Se Mané vem da tradição bíblica, Tibiriçá vem das raízes indígenas. Na língua tupi, Tibiriçá significa “maioral” ou “vigilante da terra”. Nada mais apropriado para um espantalho. Mas, mais interessante ainda, Tibiriçá é figura emblemática da história dos paulistas. Cacique tupi, chefe de um dos grupos de indígenas que habitavam os campos de Piratininga, foi o primeiro índio catequizado pelo padre José de Anchieta. Tibiriçá auxiliou Manuel da Nóbrega e Anchieta na fundação de São Paulo em 1554, estabelecendo-se no local onde mais tarde seria construído o mosteiro de São Bento. Tibiriçá colaborou com os jesuítas repelindo os ataques dos tupis, dos guaianás e dos carijós à nascente vila de São Paulo. Uma de suas netas, Susana Dias, estabeleceu em

1580 uma fazenda às margens do Tietê, no local onde hoje se encontra a cidade de Santana do Parnaíba. Os restos mortais de Tibiriçá repousam na cripta da Catedral da Sé, em São Paulo.

7. O camponês, o judas e o menino

Não obstante o camponês receber destaque nas três apropriações, mais decididamente na segunda, a ponto de fazer o menino desaparecer, ele não é figura central na canção. Nesta nada se diz sobre sua idade ou condição econômica. É apenas um camponês com habilidade suficiente para esculpir um judas de madeira. A árvore escolhida foi o cambará, que fornece uma madeira resistente ao contato com a água, sendo por isso muito utilizada em rodas de moinho de água e na confecção de mourões. O cambará era abundante da Bahia ao Rio Grande do Sul, e é a árvore símbolo de Hortolândia, cidade não muito distante de Sorocaba. Sendo resistente à água, o cambará proporcionou um espantalho adequado ao arrozal, pois normalmente o arroz é cultivado em terrenos alagadiços e sujeito, particularmente no período próximo da colheita, aos ataques do chupim, aquele passarinho malandro que põe seus ovos no ninho do tico-tico, que sem saber lhe cria os filhotes.

Homem rural, ao se defrontar com uma adversidade inusitada, a mudez do filho, o camponês faz a promessa de levar o menino ao santo milagreiro, atitude típica do catolicismo popular, aquele catolicismo recheado de santos, no qual, em contraste com o catolicismo ortodoxo, a salvação da alma não é preocupação central. A obtenção do auxílio dos santos na resolução dos problemas cotidianos é que constitui o cerne do catolicismo popular.⁸ Daí a riqueza de promessas, romarias, procissões e festas. Ao descrever o camponês como alguém que faz promessa e a cumpre, levando o filho para ser curado pelo santo, o cururu reforça esse aspecto fundamental do catolicismo popular.

Ao contrário do intuído pela blogueira da segunda apropriação, o judas não foi confeccionado para ser malhado no sábado de Aleluia. Acontece que o termo “judas” é utilizado pelos caipiras da região do Médio Tietê em lugar de espantalho, fato observado por Oliveira em sua pesquisa sobre o folclore da região.⁹ Como era feito de madeira resistente à água, o judas não apodreceu na lagoa, onde foi parar levado pela

enchente. Encontrado pelos pescadores, o judas foi tido como sendo a imagem de um santo, em semelhança à santa mais famosa do Brasil, Nossa Senhora da Imaculada Conceição Aparecida, cuja imagem foi encontrada por pescadores no Rio Paraíba do Sul, em Guaratinguetá (SP), em 12 de outubro de 1717. A devoção a Nossa Senhora “aparecida” das águas se consolidou a ponto de torná-la padroeira do Brasil. Embora o santuário de Aparecida atraia romeiros de todas as partes do país, é entre os caipiras piraporas da paulistânia, aquela área cultural que abrange o centro-sul do Brasil, desde os estados de São Paulo, Espírito Santo e Rio de Janeiro, na costa, até Minas Gerais e Mato Grosso, estendendo-se ainda sobre áreas vizinhas do Paraná,¹⁰ que a devoção a Nossa Senhora é mais forte. Ao mencionar a retirada da imagem do judas das águas pelos pescadores, e a percepção que eles tiveram considerando-o um santo, o cururu reforça outras estórias semelhantes, como a de Nossa Senhora, e assim fortalece as devoções e romarias do catolicismo popular.

Na canção o filho do camponês tem papel crucial, mas não pelos motivos apresentados por Fava na primeira apropriação. É atribuída a idade de oito anos ao menino. No catolicismo perdurou por muito tempo a questão de quando as crianças atingiriam a idade da razão e assim estarem aptas a aprender os rudimentos da fé cristã e receberem a Primeira Comunhão. Foi o Papa Pio X quem, através do decreto *Quam Singulari* de 8 de agosto de 1910, estabeleceu que se poderia admitir as crianças à Comunhão Eucarística, a Primeira Comunhão, a partir da idade de sete anos. Nessa idade, considerada idade da razão, a criança já saberia distinguir o pão comum do Pão Eucarístico. No cururu a brincadeira atribuída ao menino não é a brincadeira comum das crianças. O menino não brinca com o judas. Ele é brincalhão, zombeteiro, galhofeiro. É ele quem põe o apelido no judas. Sua mudez não ocorre pela perda do espantalho, mas é ao mesmo tempo castigo e oportunidade para o milagre que iria ocorrer.

No capítulo 9 do Evangelho de Marcos é narrada a estória de um pai que leva seu filho mudo para ser curado por Jesus. Num certo momento Jesus diz ao pai do menino que tudo é possível ao que crê, e o pai, chorando, pede auxílio em sua incredulidade. Jesus então cura o menino. Nessa estória a cura do menino pode ser atribuída diretamente a Jesus ou então ao próprio pai do menino. Neste caso, o milagre de Jesus residiria na eliminação da incredulidade do pai do menino. O cururu reafirma

essa estória evangélica ao fazer com que o camponês leve seu filho para ser curado pelo santo. O interessante é que mesmo após ser curado, o menino continua galhofeiro, caçoando das pessoas e do santo na capela. Isso remete a um aspecto fundamental no catolicismo popular, os milagres dos santos.

8. O santo e a capela dos milagres

Tão logo os pescadores identificaram o judas como um santo, eles construíram uma capela. No catolicismo popular a capela é o espaço sagrado da comunidade de um povoado, de uma cidade pequena. Normalmente a capela é construída em mutirão, sendo obra comum dos moradores da localidade. É nela que as pessoas se encontram para suas rezas e práticas religiosas, normalmente sem a presença regular de um sacerdote. É ela quem abriga o santo de devoção do povo do lugar.¹¹

O santo é o elemento central do catolicismo popular. Com a quase inexistência de um corpo doutrinário, com a ausência quase permanente do sacerdote e dos sacramentos, com a razoável independência da hierarquia eclesiástica, com a constante necessidade de proteção e resolução dos problemas cotidianos, o devoto busca o santo o tempo todo por toda a vida. O devoto desenvolve uma relação pessoal com o santo: fala com ele, pede auxílio nas necessidades, faz promessa, presta agradecimentos e penitências, defende-o diante dos outros e até mesmo zanga-se com ele caso não seja atendido plenamente, por vezes deslocando a imagem do santo de seu lugar. Cabe observar que o devoto, porém, não confunde o santo com sua imagem. Apesar de a imagem ser sagrada e tratada com respeito, o devoto sabe que o santo transcende a imagem. Tanto é que a imagem pode ser substituída por outra maior ou mais bonita ou mais adequada ao seu lugar.

A essência do santo ou seja, o que o torna santo, reside em sua capacidade de proteção dos devotos, expressa pelo poder de realizar milagres. Se no catolicismo institucionalizado a comprovação de um milagre passa por um rigoroso processo que pode atestar ou não o caráter miraculoso de um prodígio e que, caso comprovado, pode desencadear um processo de beatificação e posteriormente santificação de seu autor, se este já não for um beato ou santo, no catolicismo popular a instância única de comprovação do milagre do santo é o devoto. É ele quem decide se ocorreu o milagre

desejado ou não. Ademais, o milagre não é necessariamente a suspensão temporária das leis naturais, nem algo extremamente extraordinário ou excepcional. Por mais paradoxal que possa parecer, no catolicismo popular o milagre é algo corriqueiro. E não poderia deixar de ser, uma vez que o milagre é a resolução dos problemas do cotidiano, como a falta de chuva, bicheira no gado, praga na lavoura, doenças na família e assim por diante, até os milagres paradigmáticos, uma vez que possuem paralelo bíblico: cura de cegos e de aleijados.

Na canção, os milagres ocorrem em profusão na capela, merecendo citação, exatamente por serem paradigmáticos, a cura de cegos e de aleijados. Para o menino, o povo é ignorante por que acredita em um santo que ele sabe não ser santo. Mas aí reside a ignorância do menino, e também sua incredulidade galhofeira. Ele pensa que conhece o espantalho, mas não sabe que Mané Tibiriçá é santo. O cururu, longe de ridicularizar a fé popular atribuindo os milagres a um espantalho, reforça essa mesma fé, ensinando que Deus pode fazer de um espantalho um enviado seu para fazer milagres em benefício de seu povo.

9. Algumas considerações finais: santo ou mané?

A partir do início da segunda metade do século passado o mundo caipira começou a desmanchar-se, e de forma acelerada, desintegrando assim uma área cultural embasada no catolicismo popular. Por mais de dois séculos foi esse catolicismo que emprestou sentido à existência desse povo, com seus santos, capelas, festas, rezas, romarias e milagres. O cururu, como outros gêneros da música caipira, funcionou como replicador dos valores religiosos e culturais desse mundo e, portanto, se apresenta como objeto privilegiado de análise das vozes que entoaram as visões de mundo vigentes no mundo caipira. A canção *Mané Tibiriçá* pode ser considerada paradigmática nessa tarefa por conter os principais elementos do catolicismo popular—o santo, a capela, o milagre—e estar recheada de simbolismos, a começar do próprio nome do espantalho e sua mutação em santo taumaturgo. Ademais, essa verdadeira hagiografia popular já foi apropriada por outras vozes, possibilitando então não apenas sua análise como também a de suas apropriações.

Devido aos limites deste ensaio, não é possível exame mais aprofundado dos discursos presentes nas três apropriações citadas. Aqui elas servem apenas como exemplo da possibilidade de multiplicidade de apropriações, a depender da situação dos sujeitos. Essa multiplicidade de apropriações é acentuada pela polifonia tanto explícita quanto subjacente na canção, sendo a polêmica mais evidente a questão sobre o que é ser um santo, questão central no mundo caipira. Certamente que a compreensão desse mundo e de seus valores não pode ser alcançada a partir de produções geradas no centro cultural do mundo verbo-ideológico. Assim, o cururu, por refletir a situação concreta de produção, por surgir num momento histórico específico e num meio social determinado, mostra-se como alternativa viável para a análise dos valores essenciais do catolicismo popular.

O caráter polifônico da canção, numa perspectiva bakhtiniana, evidencia-se pela falta de conclusão ou resposta, por parte do autor, à denúncia do menino. Afinal, Mané Tibiriçá é santo ou não é?! As vozes que se contrapõem possuem igual vigor para conquistar o apoio dos ouvintes, como pode ser apreendido das apropriações apresentadas. O camponês não teve o desejo de esculpir um santo, ao contrário, sua intenção foi mesmo a de construir um espantalho. O menino reconhece o espantalho e classifica os devotos como ignorantes. Por outro lado, os pescadores receberam o judas como santo e o povo alcançou bênçãos e milagres. O próprio menino, levado pela fé do pai, foi curado.

Como não há síntese, a questão segue em aberto, indefinidamente. Paradoxalmente ou não, a significância dos enunciados dessa canção para os sujeitos, para os ouvintes que como o pai de Fava respondiam à tais enunciados, encontra-se exatamente nessa abertura permanente. No catolicismo popular o santo, assim como o milagre, não pode ser definido. Em última instância, e contra todas as evidências, cabe ao devoto decidir se um santo é santo ou mané.

-
- ¹ A centralidade do dialogismo no pensamento de Bakhtin está evidente em BAKHTIN, Mikhail (1997). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8ª Ed. São Paulo: Hucitec.
- ² Bakhtin estabeleceu sua concepção de polifonia em BAKHTIN, Mikhail (2002). *Problemas da poética de Dostoiévski*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- ³ Para o caráter polissêmico do termo *catolicismo popular* e as dificuldades para análise do mesmo ver DAVID, Solange Ramos Andrade (2006). O catolicismo popular no Brasil: notas sobre um campo de estudos. *Revista Eletrônica Espaço Acadêmico*, v. 68, p. 1-15.
- ⁴ Carreira é a regra que define a rima a ser seguida pelo canturião. Um bom relato sobre o cururu e os cururueiros de Sorocaba e região está disponível em <http://www.violatropeira.com.br/cururu.htm>, acesso em 29 de Nov. de 2009.
- ⁵ FAVA, Rubens (2002). *Caminhos da Administração*. São Paulo: Cengage Learning. A parte específica sobre a lição de Mané Tibiriçá também está disponível em http://www.administradores.com.br/artigos/a_licao_de_mane_tibirica/22141/, acesso em 29 de Nov. de 2009.
- ⁶ Disponível em <http://galloirinha.blogspot.com/2009/08/mane-tibirica.html> (Postado por Gal Mendes em 03/08/2009 às 06:40), acesso em 29 de Nov. de 2009.
- ⁷ Disponível em <http://recantodasletras.uol.com.br/contosinsolitos/145119>, acesso em 29 de Nov. de 2009.
- ⁸ Um dos principais teóricos do catolicismo popular é Pedro Assis Ribeiro de Oliveira. Sua caracterização do catolicismo popular pode ser encontrada de forma explícita em OLIVEIRA, Pedro Assis de (1972). *Religiosidade Popular na América Latina*. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 32, n. 126, e em OLIVEIRA, Pedro Assis Ribeiro de (1985). *Religião e dominação de classes*. Petrópolis: Vozes.
- ⁹ OLIVEIRA, Sérgio Coelho (2000). *Os espantalhos (usos e crenças da zona rural)*. Sorocaba: Ed. TCM.
- ¹⁰ O conceito de uma área cultural denominada “paulistânia”, mais ou menos coincidente com o chamado mundo caipira, pode ser encontrado em RIBEIRO, Darcy (1995). *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- ¹¹ Para devoções a santos não canônicos ver BENJAMIN, Roberto (2003). Devoções populares não-canônicas na América Latina: uma proposta de pesquisa. *Revista Internacional de Folkcomunicação*, v. 1, n. 1, p. 41-6.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail (1997). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8ª Ed. São Paulo: Hucitec.
- BAKHTIN, Mikhail (2002). *Problemas da poética de Dostoiévski*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- BENJAMIN, Roberto (2003). Devoções populares não-canônicas na América Latina: uma proposta de pesquisa. *Revista Internacional de Folkcomunicação*, v. 1, n. 1, p. 41-6.
- DAVID, Solange Ramos Andrade (2006). O catolicismo popular no Brasil: notas sobre um campo de estudos. *Revista Eletrônica Espaço Acadêmico*, v. 68, p. 1-15.
- FAVA, Rubens (2002). *Caminhos da Administração*. São Paulo: Cengage Learning.
- OLIVEIRA, Pedro Assis Ribeiro de (1972). *Religiosidade Popular na América Latina*. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 32, n. 126.
- OLIVEIRA, Pedro Assis Ribeiro de (1985). *Religião e dominação de classes*. Petrópolis: Vozes.
- OLIVEIRA, Sérgio Coelho (2000). *Os espantalhos (usos e crenças da zona rural)*. Sorocaba: Ed. TCM.
- RIBEIRO, Darcy (1995). *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.